

[DRAMATURGIA]

UM SER
QUEBRADO, EM
UM ESPAÇO
TAMBÉM
QUEBRADO,
FALA SOBRE
UMA RUPTURA
NO TEMPO

Pablito Kucarz

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana 


PULCHERRIMA EDITORA

**um ser quebrado,
em um espaço também quebrado,
fala sobre uma ruptura no tempo**

pablito kucarz



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Carlos Alexandre Venancio

Revisão

Manuela Sanchez

Preparação dos arquivos e capa

Eliane Arruda

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

K95s Kuczars, Pablito.
Um ser quebrado / Pablito Kuczars. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.

82 p.; il.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-091-0 (impresso)

ISBN 978-65-5422-111-5 (e-book)

1. Corpo. 2. Módulos. 3. Monólogos. 4. Ficção. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 792

CDU 792

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Teatro.

2. Peça teatral.

KUCARZ, Pablito. **Um ser quebrado**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

**UM SER QUEBRADO,
EM UM ESPAÇO TAMBÉM
QUEBRADO, FALA SOBRE UMA
RUPTURA NO TEMPO**

Pablito Kucarz



SUMÁRIO

Movimento. 01.....	11
O caos. 01.....	13
Agosto.....	15
Noite de estreia. 01	17
2020.....	19
Categute	21
Origem.....	23
Cida.....	25
A porta.....	27
1992. 1.....	29
Movimento. 02.....	33
A carta.....	35
A mulher árvore.....	37
O caos. 02.....	39
O buraco.....	41
1992. 2.....	43
+55 41 98056-7785.....	47
Noite de estreia. 02	49
Nota de rodapé.....	53
Ulisses.....	55
Noite de estreia. 03	57
1981.....	59
Movimento. 03.....	61
A água.....	63
Noite de estreia 04.....	65

A pequena árvore.....	67
Movimento. 04.....	69
A mudança	71
A chave	73
1992. 3.....	75
Concreto	77
A sensação.....	79

Os textos aqui reunidos são módulos para composição teatral, monólogos curtos, onde não há ordem imposta. Pelo contrário, são como pedaços de um corpo quebrado. Houve um dia o corpo íntegro, em perfeito estado. E então, não sabemos ainda como nem porque, houve a explosão, a ruptura. Eu entro em cena, eu falo. Colho os pedaços do corpo que é o meu, naquele momento. Você pode entrar em cena, falar, dançar, gritar e como em um jogo, criar seu próprio corpo.

Para meus pais.

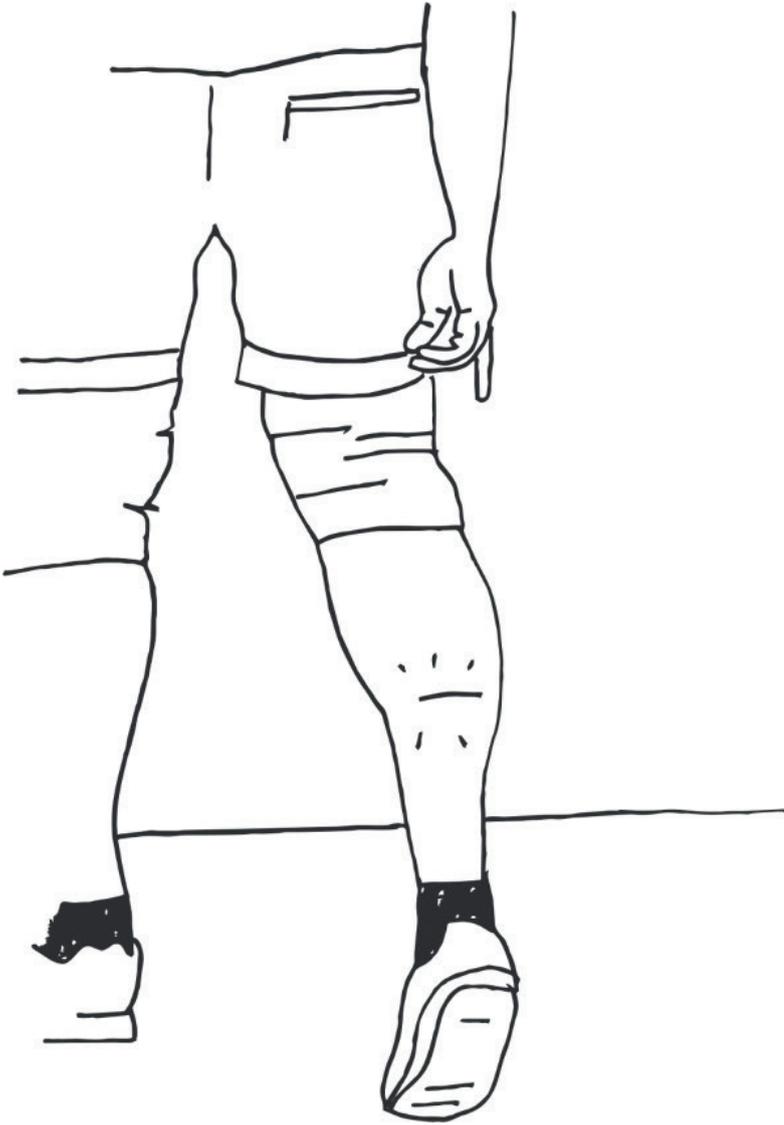


Ilustração de Conde Baltazar

Movimento. 01

O que você faz quando seu corpo não responde à sua vontade? O que o outro faz? O que eu faço? Sobre a pia da cozinha o copo d'água. O copo é seu objetivo, seu alvo. Entre você e o copo, o corredor. Neste corredor duas portas grandes, duas passagens. À direita a sala de jantar. Seu pai organiza os pratos e talheres enquanto assovia uma canção. À esquerda a sala de TV. Seus sobrinhos assistem desenho animado e brincam com um boneco que era seu quando você era criança. Um dos anões da branca de neve. Zangado? Outra porta, o banheiro de visitas. Não há chuveiro, as visitas não se lavam aqui. Pia e privada. Espelhos por todos os lados. Você chega à cozinha. Sua mãe, sua irmã e sua tia estão ansiosas com uma receita nova, uma sobremesa de banana feita a seis mãos. Será que ficou boa? Você chega à bancada da pia. O caminho até ali te deu mais sede. O copo d'água te espera. Imóvel. Brilhante. Água fresca. Mas sua mão, seus braços, seu corpo, não respondem ao comando. Você sente. Você está vivo. Mas nem sua mão direita, nem sua mão esquerda esboçam algum movimento em direção ao copo d'água. Você está em pé, parado, imóvel, em frente á bancada da cozinha. Em frente ao copo d'água.

O caos. 01

Nossas memórias são como partes de um quebra-cabeça. Cada um colabora com peças desconexas pra tentar entender como chegamos aqui. Não sei se começo pelas memórias ou pelo aqui. E nesta indecisão cinco cabeças, que se tornaram **uma**, buscam entender uma forma de diálogo. Precisamos reconstruir o passado para entender o presente. Precisamos cuidar uns dos outros e seguir para o futuro. Precisamos respirar e pulsar juntos com o novo mundo ao qual pertencemos. Precisamos procurar nossas famílias, nossos filhos e pais e mães e amores. Precisamos achar uma boa garrafa de vinho! Como não faço ideia de onde conseguir uma garrafa de vinho aqui e agora, comecemos pelo antes. Quando os galhos daquela árvore enorme e bonita começaram a abrir mais e mais aquele pequeno buraco no teto do teatro, quando começaram a quebrar as ripas de sustentação e jogar as telhas para o ar. Quando o ar, isso. O ar. Ficou pesado. Não, pesado não, difícil de respirar. Isso, difícil, a gente puxava e vinha ar, mas sei lá... não enchia os pulmões. Sem oxigênio, isso. Aí eu desmaiei, ali no palco mesmo, é a última coisa que eu lembro.

Agosto

Olá! Mais uma transmissão do fim do mundo. Você me ouve? Saiba que não está sozinha. Não estamos sozinhas. Cada dia presa, viva!, neste lugar é uma vitória, mas também um abismo. Eu desmorono lentamente. Mas não estou só. Eu sei. Você me ouve? Eu continuo dançando, todas as manhãs quando uma fresta no telhado deixa passar tímidos raios de sol. Então eu danço. Eu resisto. E através dessas fracas ondas sonoras eu me mantenho aquecida. Minhas palavras varrem os ares a procura de alguém. Eu estou aqui. Minhas memórias são como partes de um quebra-cabeças. Fatias desconexas, únicas ferramentas pra tentar entender como chegamos aqui. Não sei se começo pelas memórias ou pelo aqui. Preciso reconstruir o passado para entender o meu presente. Precisamos cuidar uns dos outros e seguir para o futuro. Respirar e pulsar juntas com o novo mundo ao qual agora pertencemos. Precisamos procurar nossas famílias, nossos filhos e pais e mães e amores. Precisamos achar uma boa garrafa de vinho! As memórias evaporam e já não lembro desde quando existo. Eu existo? Minhas ondas sonoras se espalham por este espaço. Eu sinto! Sinto o vento que lambe folhas dançarinas nas copas das árvores, insetos distraídos em busca de comida, o rio em seu trajeto ancestral, imutável. Sinto a terra trêmula alimentandas raízes famintas e sinto a chuva. Sinto a vida se reerguendo e procuro, dentre tantas formas de vida que sobreviveram, meus semelhantes. Você me ouve? Eu sou parte de você. Eu elemento que arde. Eu líquida em um mundo gelado depois que o céu caiu e nos fez fogo; e do fogo veio o escuro e então eu gelo. Atravessaremos séculos. Escondidos nas entranhas de uma terra em busca de equilíbrio, lutando contra forças que ainda hoje ela

não entende. Eu abraço a terra, entro pelas raízes, subo caule
acima e irrigo as folhas verde claro. Me reconheço em você.
Você me ouve?

Noite de estreia. 01

Primeiro sinal. Público se acomoda em seus lugares e sob o palco escuro e vazio uma nesga de luz muito suave e amarelada desenha um faixo de luz em uma diagonal profunda.

Segundo sinal: a luz da plateia, essa que nos ajuda a enxergar os corredores e assentos e que ilumina a poeira que trazemos de fora, começa a cair em resistência. A expectativa do que virá torna-se mais forte. Últimas conversas sussurradas. Celulares sendo desligados ou silenciados. Nosso olho atento, à espera da novidade, vagueia pelo palco, tentando identificar elementos que vão para além da arquitetura daquele espaço que já conhecemos. A luz muito suave do faixo de luz esconde qualquer segredo que possa estar plantado naquele lugar.

Terceiro sinal. O breu. E aquele faixo de luz, cuja intensidade se manteve a mesma desde a entrada na sala (se manteve?), parece mais reluzente do que antes e posso quase afirmar que sua diagonal assumiu um ângulo mais fechado... mas quando foi que isso aconteceu? Observamos, distraídos. Neste momento, passada a euforia da entrada, percebemos o piso de madeira puída que esta luz revela. Um piso que guarda a história dos que passaram aqui, num tempo antes. E quando começamos a nos incomodar com o longo tempo em suspensão, talvez um tempo exagerado para observar um simples piso de madeira puída, alguns sons começam a ser identificados. Um grilo. Um grilo? Vento. Estranho, quando entramos o tempo lá fora parecia bastante firme. Uma massa sonora começa a nos envolver. Quase não percebemos uma atriz em cena. A luz baixa e o grilo nos distraíram ao ponto de não ver por onde ela entrou. Ou apareceu? Sua silhueta revela um vestido de caimento suave e seus pés descalços. Um leve brilho (dá pra

aumentar a intensidade da luz!) sugere que ela esteja molhada. Já vi isso em outro espetáculo. E novamente me distraio atento àquela mulher que se move em pequenos gestos sobre o palco – parece que dança - e de repente me assusto um ator muito alto muito magro – ele está pelado – carregando um punhado de roupas nas mãos e contrariado com aquele faixo de luz que cruza o espaço. Uma mulher de cabelos vermelhos também não muito feliz com a luz que invade pelo teto. Ela usa um vestido que lembra alguma coisa de casamento ou formatura ou baile de 15 anos ou algum tipo de boneca de antigamente. Contrariada com quem ficou responsável por aquilo no teto. Outro ator que apareceu do nada (de onde essa gente sai?) vestido com uma capa de chuva e galochas está falando algo sobre um pterodátilo, ele fala meio sobreposto à mulher de cabelos vermelhos... e agora que percebi, tem um ator sem cabelos que acompanha os gestos da atriz que dança. Ele não está molhado, parece tentar chamar sua atenção. Uma forte batida na porta, porta do camarim? Que porta é essa?

2020

Às vezes eu me pergunto com é que isso foi acontecer?
Isso parecia tão sólido, tão firme.

Que tipo de gente é capaz de deixar isso acontecer? Profanar este lugar sagrado.

É sagrado sim, porra!

Eles não atiraram pedras, não.

Eles não vieram aqui e quebraram com as próprias mãos.
Eles não colocaram fogo.

Não!

Tiraram pedaços e venderam... não, não foi isso que eles fizeram. Porque se eles tivessem feito isso a gente brigava.

A gente lutava.

Se embrenhava em chutes e pontapés, mordida, gritava, sangrava. Ia preso, mas não deixava.

A gente não sabia lutar contra o que eles fizeram.

E não dá pra dizer que eles nos enganaram, não, estava tudo lá. O tempo todo.

Eles fizeram a gente se sentir importantes. Sim. Importantes.

A gente conseguia pagar nossas contas. A gente conseguia viajar.

A gente conseguia dar presente pros amigos, ter tempo de ver os filhos dos amigos crescendo, ter tempo de trabalhar.

A gente tinha coragem de abrir centros culturais, de gravar músicas e cantá-las pro mundo, de descobrir o universo em nós mesmos vestidos de roupas que as pessoas não queriam mais.

A gente tinha tempo de aprender a se comunicar em gestos, de ouvir nossos pais, de celebrar a vida de quem foi grande, de celebrar a existência dos que vieram antes de nós.

Havia tempo para ensaiar, de repetir e repertir durante horas e horas. De ter lanche no camarim.

De criar aquilo que a gente entendia como arte e que achava necessário pro mundo em que vivíamos.

Eles nos elogiaram.

Eles nos deram flores.

Aí a gente ficou cego.

Aí, quando eu penso nisso eu paraliso, eu perco a reação.

A respiração fica ofegante e eu sinto gosto de sangue na garganta. Desculpa, eu preciso chorar.

Categute

Você sabia que dependendo da região de um corpo que precisa ser costurado, é usado um fio específico pra aquela região? Sim, um corpo pode ser costurado com fios. Pra que se unam duas partes que foram separadas, que se facilite, se force a aproximação e então o corpo possa começar seu processo de sutura. Fios de seda. De algodão. Na pele, nas feridas mais externas, o mais comum são fios sintéticos. De nylon. E o nylon é derivado do petróleo. Bonito isso, né? Pensar que retiram do petróleo, aquela massa preta e viscosa que se esconde lá no fundo da terra, um fio que pode costurar a pele de alguém. Eu acho bonito. E depois de uns dias, depois de um tempo, seu organismo simplesmente manda embora esse fio. E você sabia que até osso se costura? Sim, se costura. Só que pra costurar ossos eles usam fios de aço. E o aço nosso organismo não manda embora, não. Se você costurar seu osso com um fio de aço ele será seu pra sempre. Vai viver contigo pra sempre. E talvez você tenha problemas pra entrar em um banco ou passar no raio X dum aeroporto. E a palavra categute, significa alguma coisa pra você? Eu aprendi faz pouco tempo essa palavra. Não sei nem como pronuncia. Categute. É uma palavra de origem inglesa, que a gente se apropriou. Então quem entende um pouco de inglês aqui pode deduzir o significado quando a gente separa ela. Cat. Gut. Gato. Intestino. Você sabia que seu corpo também pode ser costurado com fios feitos da membrana dos intestinos dos gatos? Não só dos gatos, de outros bichos. E você sabia que esses fios feitos da membrana do intestino dos animais também eram usados nos instrumentos de corda? Bonito né? Uma harpa. Cruel. E esse fio feito do intestino dos gatos, ele se desintegra no seu organismo depois de um tempo, quando seu corpo já juntou as partes que estavam

separadas. Ele se desintegra, se desfaz, ele vai pra sua corrente sanguínea, ele vira alguma coisa que agora faz parte de você de alguma maneira. Um gato. *Cat.* Você.

Origem

Você tá cada dia mais parecida com ela... pelas fotos antigas não dá pra dizer, mas agora aqui, te olhando. Seus olhos grandes. Escuta eu não queria estar aqui, eu tava com medo. Eu to com medo. Tentei evitar o máximo possível, mas a vida vai empurrando a gente. Papéis e assinaturas. E é tudo o que eu tenho pra te oferecer. Depois de todo esse tempo. A metade. A casa dos nossos pais vai ser vendida, a metade é sua. O dinheiro. Neste momento, é tudo o que eu posso te oferecer. Enquanto esse buraco não fecha e essa raiva ainda me faz querer gritar. Quando eu vou pra cama eu fecho os olhos bem forte e fico lembrando da mãe e do pai... das partes boas claro... mas a despedida sempre vem junto. E quando eu abro os olhos eu to aqui, sozinho, flutuando nessa casa que já foi bem barulhenta com a mãe acordando a gente atrasado pra escola, o cheiro das panquecas de chocolate do pai e aquela gentarada final de semana tocando violão. Essa mesma casa que depois foi bem barulhenta com os gemidos de dor e doença e o cheiro de xixi e remédio. E eu aqui. Mas eu tô tentando sabia. Resolvi encarar de maneira mais objetiva. Mês passado eu organizei todas as fotos de família. Em ordem cronológica. Um dia, se você quiser claro, eu posso fazer uma cópia de tudo e mandar te entregar. Semana passada eu comecei a arrumar os armários do pai e da mãe, me desfazer de algumas coisas, doar roupas... O pai nunca deixou eu chegar perto das coisas da mãe... mas agora... Ah, consegui ir cortar o cabelo semana passada. Como se isso te interessasse. Engraçado, mas depois de toda a raiva de ter que lidar com tudo sozinho e saber que não tinha nada que eu pudesse fazer pra acalmar a dor deles, depois de ver primeiro minha mãe definhando, depois meu pai desistindo da vida... não foi um peso que saiu aqui dos meus ombros, sabe, como as

peessoas dizem... parece mais que foi um pedaço. Sabe? Bom. Essa conversa soa tão sem sentido pra você quanto pra mim? Trinta minutos atrás eu tava vindo encontrar com minha irmã, agora eu tenho certeza que to olhando pruma pessoa que eu não faço ideia quem seja.

Cida

Voz em off da Cida, uma mulher incrível, que não sabia falar meu nome.

Boa tarde. É. Eu não sei dizer o teu nome direito. Mas vou tentar, tá. Pa-bli-to! É, no caso, eu não tenho essa sexta-feira, num tenho. É... só se for na outra semana. Não, na outra semana também eu não tenho. Pra outra semana não tem não. Nem pro sábado. Hummmmm, ficou difícil. Porque esta sexta-feira dava encaixamento direitinho pra você, até a outra também dava, a que passou... Ih, acabou a luz aqui. Aí no caso... é... sábado que vem também eu não vou poder ir. Aí Pablito, só... essa semana você não pode, na outra eu não posso. Só na outra, daqui a quinze dias que eu vou poder fazer as suas coisinhas. Ah, tem um dia da semana, como hoje, hoje foi um dia especial, porque ela foi pra Barra. Aí se fosse agora, de tardezinha, dava até pra mim ir dar uma chegadinha aí, mas se for pra semana que vem, na quinta- feira que vem, até daria pra mim dar um pulinho aí quinta-feira. Vou ver direitinho daí falo com você, tá bom. Se ela for pra Barra, na quinta-feira, aí eu digo pra tu. Senão, só daqui a quinze dias. Porque sábado agora, eu vou pros meninos. Porque domingo eu fui pra eles, porque no sábado não deu pra mim ir, tinha que resolver uns problemas lá em casa, aí eu troquei o sábado pelo domingo. Aí no caso eu fui domingo pra eles, agora eu tenho que ir no sábado. Porque essa semana é aniversário do Alessandro, então eu não sei se vai ter alguma coisa na sexta-feira, no sábado lá. Mas eu tenho que estar lá no sábado. No sábado o horário que eu saio de lá é quatro horas, mas conforme eles me esticam muito, aí eu não tenho hora de sair. Mas... o que eu tenho pra te dizer é isso. Só daqui a quinze dias, ou se na quinta-feira que vem ela for pra Barra, eu dou um

pulo aí. Entendeu? Aí dava pra mim dar uma quebradinha pra você aí em algumas coisas. Tá bom? Pablito. Eu não sei falar direito o seu nome. Não tem assim um nome mais fácil de eu falar não, sem ser Pablito? Porque fica... hum... não sei falar direito. Eu vou ter que errar teu nome toda hora. Só se eu botar um apelido carinhoso em tu, com todo respeito. Mas... aí você fala. Porque Pablito pra mim vai ser difícil. Tá bom? Pablito! Aí vou ver pra você, se quinta-feira tiver livre aí eu vou. Tá bom? Aí vai depender de você, se você tiver livre também. Tá bom? Obrigado por você ter falado tá bom. Valeu.

A porta

Esse bicho não me dá valor, me trata apenas como mais uma das possibilidades de fuga. Eu queria saber, ah mas eu queria tanto (!), eu queria saber o que se passa por aquela cabeça durante as horas e horas em que ele pára na nossa frente, e fica apalpando a gente com aqueles dedos ásperos. O que é que ele acha que vai encontrar? O que é que ele acha que nós estamos escondemos? Quando ele encosta seu ouvido sujo e os cabelos desgrenhados na esperança de ouvir alguma coisa do lado de lá. O que é que ele acha que ainda não ouviu durante todo esse tempo? Um sinal? Um chamado? Outro ser patético igual a ele que o procura e nunca perdeu a esperança de encontrá-lo depois de todo esse tempo? Outro ser com pés gelados emitindo grunidos que só ele vai compreender? E então os dois vão se unir em um esforço conjunto e derrubar alguma de nós, coitadas de nós. Já não bastasse os surtos de raiva, quando ele nos chuta, nos empurra?! Dói... sim dói, mas eu sei que dói mais nele, afinal de contas meu amor, sou toda aço galvanizado produzida em indústrias alemãs em um tempo em que bombas atômicas eram meu maior inimigo. Então meu bem, seus chutes e arranhões não me fazem nem cócega. Mas eu sinto pena sabe, não sei... compaixão. Somos tão diferentes, mas depois de tanto tempo sinto que temos uma conexão. Compartilhamos o mesmo espaço e talvez algum afeto. Seu cuidado nas tentativas desesperadas manuseando minha fechadura me cativa. Sua escolha delicada de objetos pontudos que exploram a trava metálica que o separa do mundo lá fora às vezes me faz chorar de piedade. Eu queria que ele me entendesse, mas desisti de tentar grunhir, não adianta, não sai. A tecnologia alemã da época não deve ter previsto um sistema de comunicação tão sofisticado, enfim. Mas eu queria ser es-

pecial de alguma maneira. Porque sim, eu deveria ser a escolha correta se algum dia ele encontrar a chave. Eu sou sua única possibilidade de escape, por isso queria dizer "esqueça essas outras, foca sua energia em mim, sou eu que importa". Minhas irmãs tiveram seus acessos soterrados por algum terremoto ou bomba ou qualquer coisa que (...) *corte seco*

1992. 1

Qual é o seu nome? Isabel? Rosângela? Vasculho minha memória e não lembro. Mas não quero perguntar. Não vou perguntar a ninguém que a conheceu. Eles sabem, mas não. Este acerto de contas deve ser comigo, apenas. Preciso lembrar. É o mínimo que posso fazer. Lembrar seu nome. Maria? Ana? Cristina? Eu deveria começar tudo isso pedindo desculpas, mas para isso preciso de um nome. Do seu nome. Esquecê-lo é mais uma das coisas horríveis na imensidão de coisas horríveis que eu tenho pra me desculpar com você.

Ontem, um domingo. Poderia ser qualquer dia da semana, os dias estão cada vez mais parecidos com domingos. Mas era domingo, ensolarado, como vários que já passamos fechados aqui, catando os cacos de uma realidade fragmentada. Neste dia bonito com sol e céu azul, preparei o almoço para meu pai. Isso era uma estratégia para um plano mais ousado. Sim, estamos trancados aqui e juntos de uma maneira que não me reconheço. Você é meu pai, mas percebo que talvez eu não o conheça como eu imaginava que o conhecia. Será que você conhece o homem que eu me tornei? Então aqui meu plano ousado. Além do prazer de uma refeição com ele, eu tinha outros objetivos: conversar sobre detalhes do aluguel de uma casa que ele tem; verificar seu carro que deu pane; e o mais importante, tentar uma conversa franca sobre a vida – falar sobre o passado, sobre nossas vidas, ouvir suas histórias. Este último objetivo é material de diversas tentativas ao longo dos últimos anos, sempre aparece nas listas de atividades que preciso fazer com meu pai. Então novamente, aqui estamos.

Depois do almoço passei um café e preparei terreno pra conversa. Com calma, para não o assustar. A conversa lá e casa, na casa em que eu cresci, não foi uma prática cultivada

em nossa história de família. E é responsável – sua falta, é claro – por muitas das farpas cravadas há tempos em nossos corpos. Então minha estratégia para amolecer este ritual começa com um bolo de banana – o cheiro da canela que toma conta da casa toda. Café na mesa, eu respiro fundo e puxo a conversa da maneira mais honesta que consigo “porque é tão difícil pra nossa família conversar sobre assuntos importantes”? Nossa história é marcada por silêncios, por decisões tomadas à deriva, por dores sem voz, por um amor que não vira verbo. Nós nos tornamos mais cínicos ao passar dos anos e mais temperamentais, explosivos. Uma família que na aparência é pacata, mas que embaixo da pele esconde um sangue em lava quente, prestes a entrar em erupção.

O rapaz do seguro veio ver o carro e acaba de sair. Não conseguiu ressuscitá-lo. Foi a bateria, ele diz. Algo como o coração do carro, ele sorri. Da máquina, ele enfatiza para ter certeza que acompanho seu raciocínio. Seu centro de energia. É necessário trocá-la. Faliu. Ele se atrapalha com meu silêncio e meu rosto que esconde qualquer pensamento. Não quero acreditar e nem fazer parecer que isso é uma metáfora da história da família que conto. Não posso acreditar que nosso coração faliu. Não quero acreditar. Seguimos. Sem carro, sem bateria. Adiante.

Tomamos café e conversamos, tentando avançar, driblando a sem graciosse, a falta de jeito em tocar em assuntos que em uma roda de amigos falamos sem pensar. Mas avançamos. Meu pai falando dum jeito que lhe é peculiar, que mistura assuntos, que não é muito claro, que rodeia e é evasivo. Penso nisso e acho que descobri minha maior herança, sou igual ao meu pai. Enquanto o escuto rabisco desenhos em um caderno, minha maneira de ser evasivo. De manter o olhar baixo. Desenhando círculos do canto inferior esquerdo até o centro da página, criando uma massa de pequenas bolhas organizadas e estáticas, tive a conversa mais íntima com meu pai sobre minha relação de mais de dezesseis anos com um homem. Nós dois,

atacando pelas bordas, procurando palavras outras, não aquelas necessárias, mas aquelas possíveis. Palavras que cabem na boca, no ouvido e no coração dos homens que somos hoje. Homens hoje muito diferentes daqueles que éramos quando nos encontramos pela primeira vez.

Movimento. 02

Abrir os olhos exige o mesmo esforço de levantar pedras que pesam toneladas, de arrancar do chão árvores de raízes milenares, o mesmo esforço de conter a fúria de um furacão em chamas. Nunca foi uma tarefa fácil, mas ao longo dos tempos alguma coisa mudou. Sim, mudou. Não havia outro jeito. Nós mudamos. Tudo mudou. O esforço ainda é o mesmo..., mas... mas não é só a paisagem que invade o olhar quando consigo por fim abrir os olhos que mudou. Há outra atmosfera, outra sensação. Outra expectativa talvez. Sim, outra expectativa. E eu já deveria ser velho o suficiente pra saber que não devemos, nunca, criar expectativas. Mas eu insisto e, depois de tanto tempo, continuo abrindo meus olhos. Deixo entrar pelas minhas veteranas pupilas as imagens de um mundo que será outro amanhã. A poeira do passado que cai sobre meus olhos insiste em me lembrar disso. "Amanhã é outra imagem". É uma briga constante, faz tempo. Os destroços do que chamo passado parece que escolhem sempre esta hora para tentar me soterrar. E eles têm razão, é uma boa estratégia, a melhor hora. Quando os olhos se abrem. Quando olho em direção ao céu. Procurando alguma resposta. E lá vem aquele farelo de memória que se debate bravamente entre meus cílios, que insiste, e então se agarra à córnea do meu olho esquerdo, sorratamente sobre a íris sonolenta que briga com o olho irmão sem saber, neste momento, se a realidade compete à direita ou à esquerda. Os fotorreceptores então travam uma pequena batalha – exércitos de leste e oeste em uma corrida frenética captando cores e luz, ajustando foco, compartilhando bilhões de informações ao nervo óptico que começa seu árduo trabalho de criar algum significado. Nessa disputa estoica - que dura pouco mais do que 15 milissegundos – o olho comunista

agarrado ao farelo amarelado tem certa vantagem ao atravessar o ponto cego e então o passado toma forma. E novamente este lugar que habito me parece tão familiar e tão estrangeiro. Enquanto tropeço caolho procurando um colírio, sou bombardeado por imagens de um tempo outro. Tempos outros. Pterodátiles bebem água na lagoa que toma conta da sala, ao lado do sofá onde uma mulher assiste televisão em preto-e-branco. A neve cobre campos de trigo que começam no meio da janela; a mesma janela que revela, lá fora, um por do sol. Dois homens de chapéu olham em direção a mesma lareira separados por duas décadas e uma guerra. O mesmo lugar que ainda será um oceano onde tubarões gigantes dominam a cadeia alimentar abriga também: um senhor idoso condenado à sua cama e cuja história desconhecemos; e é palco de uma simples prática de escambo que inundou/inundará a história dos homens de sangue e violência. Essas paredes que já ostentaram cores dramáticas e texturas pulsantes agora observam, pálidas e beges, a rotina de uma mulher que limpa o chão. Sua história é uma melodia entoada por um potente e barulhento aspirador de pó. Enquanto esse telhado arde em chamas em uma noite quente, um grupo de amigos divide o sofá contando piadas e rindo. Na paisagem monótona deste lugar que agora respira em tons de um vermelho desbotado, suas paredes elegantes assistem uma mulher no centro da sala vestida em um bonito vestido rodado. Mas a fissura vem na forma de um gato preto, que abre passagem neste mesmo lugar que também é, ou foi, ou será, apenas um lugar abandonado aos bichos solitários. Enquanto essas imagens são absorvidas e expulsas da minha mente por um cérebro desconfiado continuo minha saga.

A carta

“Oi pai! Tudo bem com você? Não imagina a saudades que eu tenho sentido. Desculpa ficar tanto tempo sem dar notícias, consegui um trabalho em um lugar que você ia amar conhecer. É lindo, mas nem celular pega direito aqui. E esta carta vai acabar chegando pro senhor daqui uns 30 dias..., mas é incrível isso aqui. Tô até pensando em comprar um bilhete de avião pra você vir me visitar, mesmo sabendo do seu pânico de entrar num avião. O por do sol aqui é lindo, tem uma cor que eu não sabia que existia. E parece com os filmes, quando o sol vai se escondendo atrás do horizonte no mar (o pai gostava tanto de mar, né). Eu tô bem, tô feliz. Não se preocupe, estou me alimentando super bem. Conheci uma garota que me deu várias dicas pra substituir proteína animal e minha anemia tá super controlada. Eu acordo cedo, caminho um pouco na praia e passo o dia conversando com gente do mundo todo. Eles contam suas histórias e eu sempre conto que do outro lado do mundo eu tenho um pai que faz a melhor panqueca de chocolate do universo. Vou dando notícias sempre que conseguir, o tempo aqui passa muito diferente. Não passou um dia sem pensar em vocês. Com amor.”

Tinha dias que o pai não lembrava meu nome, quando as crises eram muito fortes. E ele foi esquecendo até das coisas mais simples. O passado pra ele começou a ficar bem nebuloso..., mas não teve um dia que ele não perguntava de você. Foi mais ou menos quando eu consegui descobrir o telefone de uma amiga sua, lembra? Eu acho que passei uma semana inteira na internet, nossa eu falei com tanta gente (meu inglês é péssimo), mas consegui descobrir o telefone daquela garota. Aí consegui falar com você. Nossa, aquela ligação foi hor-

rível. Desculpa, eu tava cansado. Quanto tempo desde aquela ligação? Quanto tempo de silêncio? E foi depois desse dia que pensei que talvez fingir algumas notícias suas pro pai não seria tão ruim assim. Mas só escrevi uma carta. Só consegui escrever uma. Uma manhã que o pai acordou bem disposto eu pensei que era um bom momento pro carteiro chegar. Ele abriu um sorriso imenso e leu a carta em silêncio. Eu não entendi aquele silêncio, achei que ele ficaria feliz com suas notícias. Foi quando ele me olhou, e eu acho que não consigo esquecer aquele olhar. Aqueles olhos verdes apagados, um olhar que me atravessou. Ele sabia que era mentira. Mas não falou nada. Não sei quanto tempo ele ficou me olhando, mas parecia uma eternidade. Daí ele deu um tapinha no meu ombro, lembra que ele tinha essa mania, e disse que tava com fome, perguntou o que tinha de almoço. Esses dias eu encontrei essa carta na mesa de cabeceira dele, dentro do álbum de fotos. O pai, a mãe, você, eu e essa carta.

A mulher árvore

Tá todo mundo confortável? Tem lugar pra sentar?
Você não. Em pé. Coluna reta. Implacável. Vocês?
Porque pode demorar. Porque vai demorar.

Ela não vai crescer tudo o que precisa de uma hora pra outra. Teremos que ter paciência. Regá-la todos os dias, duas vezes ao dia. Conversar com ela. E quando ela perder a capacidade de falar, quando ela esquecer as palavras, porque ela vai esquecer, devemos contar histórias pra ela. Devemos gravar os fatos na sua memória, porque isso ela nunca vai perder. A memória. E quando ela estiver lá em cima, e começar a destruir de uma vez por todas esse telhado. Arrancar as telhas e as ripas. Quando ela começar a fazer o sol entrar por cada canto deste palco, iluminar e aquecer este lugar sagrado. Então a memória! Talvez a memória. Talvez ela consiga salvar alguma coisa de humano que restou. E talvez esse mesmo sol que iluminou os pterodátiles consiga dar luz a um tipo de vida possível. Nas vai demorar e precisamos ter paciência. Essa é nossa função. Estar aqui para ela, com ela. Adubar sua terra e lhe dar água. Conversar com ela e contar histórias. Nós estaremos aqui, ao seu lado. Como em uma fotografia. Aquelas antigas e amareladas. Isso você pode gravar em sua memória. Você, eu, ele, ele e ela que dançava. Aqui, ao seu lado.

(para o público) Eles nos olham e pensam se estávamos com medo de morrer, ou felizes por estarmos vivos. Se nós fizemos algo terrível? Ou será que eles conseguirão ver em nosso semblante tudo de corajoso que estamos por fazer? Uma mulher árvore guerreira no centro da imagem, um pequeno exército de 8 olhos aos seus pés. Uma imagem tão simples. Se eles puderem olhar pra dentro dessa imagem de verdade, se

puderem viver também esta imagem – eu acho que eles veriam um mistério muito maior do que conseguem ver agora.

O caos. 02

Abri os olhos assustado. Olhei pra você pedindo socorro, mas não consegui dar mais do que uns dois passos e cai, com a cara no chão. Vixe Maria, machuquei a testa. Eu só choro desde que retomei a consciência, não entendo que lugar é esse. Cadê o teatro? Cadê minha casa? Cadê o João? Porque quando ela tocou a própria testa eu senti com se fosse a minha testa? Espera, vocês não lembram do sol? Quando o sol começou a entrar mais e mais no teatro? O público correndo assustado e a gente sem saber o que fazer, tudo desmoronando? E o sol, não lembram? Quando tocava nossa pele parecia ácido, queimava. Sim, meu corpo parecia que tava se desfazendo em partículas, e apesar da sensação de calor, não doía. Era estranho. Primeiro parecia que os pelos do meu braço flutuavam, aí minha pele começou a esfarelar. Eu acordei com uma energia muito louca percorrendo o que eu achava que era meu corpo, tipo uma corrente elétrica, parecia que eu tinha enfiado o dedo numa tomada. Acordei desesperado e comecei a chamar por vocês. E eu ouvia minha voz, como se tivesse vindo de outra boca. E eu ouvia minha voz quatro vezes e não entendia mais nada. Foi um tipo de furacão, um ciclone de vento pequeno e poderoso, que nos uniu em uma coisa só. Catou nossos fragmentos de cima daquele palco e nos fez isso, esse **um**. Deve ter sido porque estávamos ali, **aqui**, juntos. E viramos isso. Sei que somos juntos mesmo nossos corpos sendo apenas poeira. O medo que eu sinto passa por vocês quatro, suas emoções são também minhas agora.

Eu sinto seu coração acelerado. Você está tremendo.
Você tá com frio!

Eu sinto suas saudades, ela deve estar bem... enfim, ela

deve estar. Vamos achá-la. Sim, eu também sinto isso..., mas não sei o que é.

Se nós estamos assim, então os outros também. Espero que eles tenham achado boa companhia para se tornar essa massa, essa energia, essa bagunça de poeira e sentimento que somos.

Alguém tem ideia de quanto tempo somos aqui?

Alguém reconhece alguma coisa que se pareça minimamente com o lugar que conhecíamos?

Cadê a árvore? Aqui.

Ela continua aqui.

O buraco

Sou filho do descuido, da imprudência, da falta de esmero, da falta de cuidado. Sou filho do acaso, do cálculo mal feito, da pressa, da falta de educação, filho de um ensino tecnocrata e medíocre, da mais valia. Sou filho de uma mão-de-obra semianalfabeta e que não ganhava o suficiente para alimentar sua família faminta. Mas também sou seu filho. Filho da sua revolta, do seu desespero, da sua luta pela luz, pelo ar, pela vida. Quando eu cheguei aqui era apenas uma fresta minúscula, uma pequena fenda largada ao acaso em uma construção fadada ao fracasso. Não me fiz importante porque cheguei aqui em um tempo em que a chuva não caía fazia muito então a água não poderia passar por mim e invadir, de maneira indesejada este espaço. Já a luz, essa sim, essa me procurava. Gostava de pesquisar minha forma-fenda em bonitos desenhos que projetava neste chão de madeira de carvalho. 365 dias por ano. Durante as quatro estações. Eu saberia dizer exatamente que dia do ano era pela minha projeção no chão, sabia dizer que estação do ano estávamos e, antes de tudo mudar, conseguia prever algumas coisas sobre o clima. Então a mudança. Então você. A luz que me desenhava já não encontrava o chão de madeira sem antes refletir em sua cápsula brilhante e molhada. O prisma formado daquele reflexo agora mostrava um outro eu - outros eus - que eu nunca havia contemplado. Uma festa de luzes coloridas lambeiram esta sala durante anos, décadas, incendiando o pequeno núcleo pulsante em seu peito. E o gelo em metamorfose e a água refletindo naquele chão bonito minha imagem em um teto mal acabado. Eu buraco. Pequeno, mas responsável pela luz que te aqueceu. E então você acorda deste sono milenar. Quem é você? Porque você está aqui? Porque existe o aqui? E de toda sua falta de jeito com a nova

vida teu instinto te lembra, a luz. Você seguiu aquele raio de luz fraca de uma tarde de inverno e me encontrou. Depois de tanto forçar portas e paredes sólidas e impenetráveis lá estava eu, pequeno, frágil, possível. Mas longe, lá em cima, lá no alto. E desde então nossa relação se fortalece a cada pedra que você me atira, a cada pedaço de madeira arrancada deste solo e que me oferece com violência. Nossa rotina. E eu a cada dia cedo, desabrocho um pouco mais. Talvez você não perceba, a distância que nos separa e sua visão paleolítica talvez não permita que você identifique avanços, mas sim, eu floresço. Você poderia verificar minha projeção no chão e perceber que não sou mais um simples buraco de parafuso que não foi tapado, tenho agora o dobro do meu tamanho, me sinto forte e a cada pancada que me oferece força um pouco mais esta estrutura de zinco que me encerra. E depois de exaustos, você e eu, o escuro chega. Barulhos e poeira e gritos. Então o breu. Eu já não te enxergo, estou cego. Mas te ouço. Por alguns dias. Então o silêncio. E sem minha projeção no chão de carvalho já não sei dizer que dia do ano estamos e muito menos quantos dias se passaram desde o escuro. Mas sei que ainda estou aqui. Ainda sinto meus limites encerrados neste telhado de zinco com alguma coisa pesada sobre mim. Sinto um cheiro podre que deve ser seu corpo virado adubo. E então um soco me recorda os dias das pancadas. E uma força que me empurra para o alto e um toque macio e firme que lembra que ainda há como crescer. E então sua amiga verde, agora gigante, me empurra com tanta força que também me faço gigante e através de mim seus galhos atravessam escombros e de novo encontramos a luz. E enquanto sua amiga floresce eu cresço e minha projeção agora (...) *corte seco*

1992. 2

Elisângela? Julieta? Lembro que seu nome era simples, humilde. Dessa humildade que se encontra em bairros com rua de chão batido, com esgoto a céu aberto, com casas de madeira sustentadas pela força da sorte. Bairros em que crianças com nariz sujo brincam na rua e são felizes, e correm, e pulam cordas, e soltam pipas. São felizes até o dia em que são confrontadas pela pobreza, até o dia em que sua consciência se cobre de lama e sua dignidade é atirada ao chão numa batida policial. Seu nome tem essa cor, esse som. Cachorros latindo a madrugada toda e galos nos acordando cedinho, no meio duma cidade que cresce e nos esmaga. Seu nome tem cheiro da merenda da escola pública servida na caneca de plástico azul com as bordas mordidas. Elizete? Joana? Janete!? Preciso lembrar do seu nome porque uma foto, perdida num mar de fotos de infância, me fez lembrar do seu rosto. Sim, eu também havia esquecido seu rosto. Mas uma foto. Aquela Foto. Sua única imagem boiando naquela vastidão, naquela mala de viagem que guardamos as recordações. Lisa? Sandra? Rafaela? Francisca? Romilda? Rosani?

Eu sou gay. Bixa. Viado. Pederasta. Boiola. Maricas. Florzinha. Baitola. Puto. Putito. E sou casado faz mais de dezesseis anos. Eu consigo falar sobre isso com vocês. Eu não conheço vocês. Eu consigo escrever isso. Colocar num livro. Num muro. Eu consigo postar uma foto em alguma rede social e escrever isso na legenda "meu amor no verão, sol e calor". Mas essas palavras não cabem na conversa mais íntima que tenho com meu pai. Não cabem. A língua enrola, a garganta seca. As palavras se agarram aos dentes e não saem. No seu lugar, palavras possíveis. A síntese. A sombra. A fresta. A memória tratada como um doente terminal que exige cuidado. Cadê a coragem daquele

adolescente extravagante que afrontou seus pais há mais de vinte anos atrás e disse com todas as letras e com muita energia que sim, sou gay, gosto de meninos, não, não tenho AIDS, vocês não precisam se preocupar. Não chora. Não posso ser responsável pelo que vocês planejaram pra mim, é minha vida. Eu tenho responsabilidades. Vocês precisam confiar no filho que criaram, na educação que me deram. Eu não vou parar de estudar. Não chora mãe. Eu não quero ser mulher, não é isso, é diferente. Não é uma fase, eu sei disso desde pequeno, vocês também sabem. Eu não vou conhecer uma menina que eu goste e melhorar. Ela é só minha amiga. Claro que ela sabe. Eu não vou fazer vocês passarem vergonha, não chora. Eu não quero saber o que ninguém vai pensar, não me importa o que os irmãos vão pensar. O que os tios, os primos vão pensar. Me importa o que vocês pensam. Eu sei, mas eu não posso ser responsável pela expectativa de vocês, desculpem, mas eu não sou assim. Não estou pagando dívida de vidas passadas, pára, nem tô fazendo dívidas pra outras vidas, eu não acredito mais nisso. Não acredito nessas palavras nem nas pessoas que falam essas palavras, eles não eram meus amigos. Amigo não vira a cara, nem quer te consertar. Amigo não acha que você está doente, diz que te aceita, mas fala "um dia vai ter que pagar por isso". Eu estou calmo, não chora. Desculpa decepcionar vocês. Desculpa. Não, a gente não tem dinheiro para pagar psicólogo, eu não estou doente. Não precisa gritar. Eu não estou gritando, eu estou bem. Quero que vocês fiquem bem, sou eu, seu filho, o mesmo filho que chegou dezesseis anos atrás, que vocês criaram, deram de comer, colocaram pra dormir. Vocês não têm culpa, é normal. Isso é só um livro, escrito muito tempo atrás. Eu não acredito. Quem escreveu esse livro foi só um homem. Eu não acredito. Não estou faltando com respeito, só estou dizendo que eu não acredito num pai que castiga. Não tem castigo pro que é normal, eu não estou fazendo mal a ninguém. Melhor ir dormir, amanhã a gente conversa. Eu não quero brigar, eu não estou provocando vocês, amanhã a gen-

te conversa. Cadê a coragem daquele adolescente que foi pro seu quarto confuso, assustado, desviando dos olhares inquietos dos seus irmãos? A coragem daquele menino cheio de dúvidas que deitou na cama naquela noite e sentiu vergonha de si mesmo enquanto ouvia, no quarto ao lado, seus pais brigando a noite toda. Colocando a culpa um no outro. Não sabendo lidar com aquilo, sendo rasgados por uma dor que eles não conheciam? Cadê a coragem daquela criança que usava escondido as roupas de sua mãe e foi dormir com os olhos afogados em lágrimas; e que desde aquela noite não conseguiu ter uma conversa honesta e profunda com seu pai sobre sua vida e seus amores até ontem? Domingo.

+55 41 98056-7785

Voz em off da minha mãe, Dona Marlene.

Pablito, pois olha, eu tenho que lembrar direito dessa história, mas o que eu lembro no momento é que você lembra como é que era a nossa situação né... era uma meia para os quatro filhos, né... tinha que aproveitar até o último e daí eu acho que a meia já era, não sei se era do eros, e daí da Andréia e daí da... se foi da Silvia também... daí veio você. só que daí você tinha a perninha bem grossa. e eu coloquei aquela meia porque era um dia muito frio e ajeitei você no berço, aquele berço perto da janela. também não sei se você lembra como é que era a meia água, mas eu ainda vou comentar com o pai pra ver se o pai ainda lembra de alguma coisa... e aí no meio da madrugada você se batendo e chorando e não dormia e não sei o que e você, você era de dormir a noite inteira. daí que eu fui ver que tava o teu pé preto já. tava preto já o teu pé. por causa da meia tão apertada. tá bom? mas se eu lembrar de mais alguma coisa eu te falo. e daí porque uma meia o elástico tava bem firme, que era a perna que ficou a cicatriz. e a outra que a meia já estava esticada de velha, não machucou a tua perna. mas seu eu lembrar de mais alguma coisa eu vou falando...

Noite de estreia. 02

O ator muito alto correndo com suas roupas na mão, agora vestido de jeans e jaqueta balão, joga suas roupas no chão e quer saber “quem deixou isso aqui?”. Alguma coisa que parece uma música, que tem uma batida começa a ganhar corpo e deixar o grilo pra trás e, de repente, o ator muito alto atravessa correndo a cena e encontra a mulher molhada, conta alguma coisa em seu ouvido. A mulher molhada chora enquanto o ator da capa de chuva fala do céu que consegue ver... e do sol. O sol. O faixo de luz representa o sol, claro. E até se move, eles querem dizer que o tempo está passando. Agora quem dança é a mulher de cabelos vermelhos e o ator sem cabelos. Sua coreografia de gestos começa no chão, como se observassem alguma coisa no céu, sobre eles. O ator da capa de chuva atravessa a cena correndo carregando um balde cheio de água e também percebe o que os dançarinos observam. A mulher molhada chora. O ator muito alto fala alguma coisa sobre trabalho em equipe e começa a trazer ferramentas e objetos para o palco. Parece que o problema da peça é esse buraco por onde entra o faixo de luz. Engraçado, como apenas um faixo de luz consegue iluminar essa gente no palco todo? Eu to vendo até o contorno das paredes do teatro, da onde tá vindo a luz? Enquanto procuro os refletores o choro da mulher molhada me traz de volta pra cena, e percebo que o ator muito alto está brigando com o ator da capa de chuva. Ouço a voz da mulher de cabelos vermelhos, mas não a vejo, ela fala sobre memória, sobre carregar histórias. O ator sem cabelos aparece todo sujo do que parece ser terra, enquanto o ator muito alto, em sua disputa corporal com o ator de capa de chuva, insiste que não achou terra em lugar algum. Um telefone toca. Silêncio. Apenas o choro da mulher molhada... e o telefone que toca mais uma

vez. Todos param, inclusive a plateia. Esse som veio de onde? Alguém deixou telefone ligado? O som insiste. Os atores saem de sua inercia e trocam de roupas entre si. O ator sem cabelos agora está com capa de chuva, a mulher molhada agora com galochas. A atriz de cabelos vermelhos com a jaqueta balão e o ator muito alto apenas de calça jeans. O ator que tava com a capa de chuva e galochas agora só de sunga azul. Eles trocam de roupa novamente e já não consigo distinguir muito o que cada um veste, tento me agarrar à suas características físicas. O ator muito alto, o ator sem cabelos. O outro com cabelos. A atriz de cabelos vermelhos. A atriz molhada de cabelos longos. E então dois homens param um em frente ao outro, um tempo, expectativa. Um deles se abaixa e amarra o sapato do outro. Ao fundo um homem grita “eu só vou sair daqui quando alguém vier me beijar”. Batidas na porta, A mulher de cabelos vermelhos segura a porta, como que tentando impedir que alguém entre. A mulher molhada chora ainda. E com que de surpresa estão pulando corda em cena, cantando números aleatórios. Dois movimentam a corda e três pulam, se alternam. E de repente aquela corda começa a girar rápido demais, já ninguém entra nem sai do jogo, só a corda rasgando o ar, mas a contagem dos números continua, 1827, 1654, 13, 2059... uma pequena matilha de leões atravessa o palco seguindo um homem com diversos braços que dança lânguido. Dois homens correndo nus para algum lugar. Um dinossauro (pterodátilo?) encontra uma galinha, eles dançam brevemente. Uma mulher é levada a fogueira. O vento dança entre nós, o vento é mulher. Um homem e uma mulher falam sobre alguém que está atrasado, ele virá? Uma pequena árvore aparece em cena, fica próxima ao faixo de luz. Alguém viu Marcela? Um homem de vestido preto se arrasta pelo chão. Uma silhueta no fundo do palco e então a mulher de cabelos vermelhos corre em sua direção com o balde, um banho de balde. A mulher que chora agora diz que ninguém a entende. Não entendemos. Não entendemos o que presenciamos. O nascimento de um amor. Um adeus. Uma perda. Uma

surpresa. Um susto. O mar que encontra as rochas e produz um barulho ensurdecedor. O sol do meio dia que queima as folhas da árvore. Uma revoada de pássaros em busca de comida, em busca do Norte. A memória do que já aconteceu. A memória do que vai acontecer. A terra que se move e nos embala, racha edifícios e produz tsunamis capazes de engolir pterodátiles. O fogo que atraí e devora os bichinhos que formam uma nuvem bonita ao seu redor, em um ritual de suicídio coletivo. Planetas que morrem, ficam vermelhos e explodem, seus pedaços atravessam galáxias durante anos, milênios, milhares de milênios de anos. Os lobos que nos cercam e nos observam, embalam nossos sonos com uivos. As vozes dos que passaram por aqui que nos inundam, seus ecos, seus sonhos que nos invadem como pesadelos. Uma oração para acalmar ou simplesmente um brinde, que se repete e se repete ao longo dos tempos, aqui neste mesmo espaço, gerações e gerações que herdaram o mesmo gesto, as mesmas palavras.

Nota de rodapé

Uma porta. Um obstáculo que divide, separa mundos. Mas um obstáculo permeável, fechadura e dobradiças que nos permitem abrir a experiência ao lá fora, ao outro lado. A porta de entrada da minha casa tem um olho mágico, que é muito pouco usado. Quando recebo visitas o porteiro já anunciou sua chegada, então o olho mágico é um item de mero adorno na porta de entrada de minha casa. Mas ele me fascina. É um elo de comunicação com o mundo lá fora, através da visão. E sua lente de comunicação é deformada, uma realidade de grande angular. É mágico. Então eu quis me agarrar à poesia do olho mágico, de poder explorar suas possibilidades absurdas e fantásticas. Eu queria ter um olho mágico, com direito a uma sobancelha em forma de chapéu e cílios postiços envolvidos em muito glitter, um olho mágico com glamour. Também queria investigar os movimentos da maçaneta da porta, fiquei explorando em meus membros este movimento mecânico, meu antebraço uma maçaneta, abrindo e fechando, que mistérios poderiam me revelar este gesto? Aí me lembrei da cena do menino alto tentando abrir uma porta, forçando muito, batendo, arregaçando a porta. E quis eu ser a porta. Quis eu ser o alvo daquela agressão desmedida, em uma cena de *telecatch* em que eu estaria vestido de porta (poderia ser uma chapa de papelão com o desenho de uma maçaneta e, claro, buracos para meus olhos). Então a coreografia seria aquelas clássicas de *telecatch*, com direito a piruetas e sangue falso. Era tudo o que eu tinha. Naquela semana em que senti, depois de mais de quarenta dias, quatrocentos dias, quatro mil dias, o peso da realidade destruída, era tudo o que eu tinha. Nada mais de acessos de criatividade, de leituras demoradas ou exercícios de escrita. Nada mais de atividade física dia sim dia não, do

prazer de cozinhar e dos poucos minutos com a cara no sol, na rua. Nada mais dos planos para o depois, para daqui sei lá, dois três ou quatro meses. Os projetos que haviam sido retirados da gaveta para lá voltaram e meu pai que espere, não tenho cabeça agora. O tempo estacionado e o ar rarefeito. Eu não estou em uma sala de ensaio. E isso me afetou. E pela primeira vez eu quis cancelar nosso encontro, não quis abrir um vinho, não quis esticar o papo. Eu não estou em sala de ensaio e não há outras pessoas aqui comigo. Isso é tão concreto que me tira a respiração. Mas não há tempo pra isso. É preciso resistir, é preciso prosseguir e criar. É preciso se fazer importante mesmo parecendo que não somos. É preciso chorar, mas a lágrima não sai, não chove faz tempo aqui e perdi o hábito de beber água durante o dia. Sequei. Secamos. Se estou triste? Não sei, eu conhecia esse sentimento naquele tempo que não existe mais... o que sinto agora não sei como chamar. Quero meu humor (o bom) de volta. Escrevo isso na tentativa de resgatar aquilo que se nublou essa semana. A materialidade da porta. Um corredor com cinco portas. A cena como **se** existisse em sala de ensaio. Minha cabeça em curto circuito com essa não-possibilidade. E de repente me obrigo a levantar da cadeira e fazer alguma coisa, colocar meu corpo em movimento. Me obrigo porque sei que é preciso, acredito que é preciso e porque isso, até dias atrás, era o que estava me salvando. Então faço, ou tento. Danço, ou tento. Escrevo, planejo, mas não executo. Me sinto pequeno demais. Envio uma mensagem me desculpando e recebo acolhimento. Obrigado. Seguimos. Um dia depois do outro, como você acaba de me dizer.

Ulisses

Engraçado, a gente era tão grudado quando era criança, agora parece que tem um abismo entre a gente. Eu te olho e não te reconheço. Quando foi que esse laço soltou? Quando foi que paramos de completar a frase um do outro? Ou de ficar acordados a noite toda ansiosos com nossas fantasias de carnaval do baile da escola? Quando foi que paramos de fazer birra pelo colo da mãe quando eu ralava o joelho e você chorava mais que eu, de desespero de me ver sangrando?

Eu não sei se eu devia te contar. Mas acho que você tem o direito saber. E não tem um jeito suave de falar isso. Então eu vou falar e você vê o que você faz com isso, tá bem. Mas eu não to sendo cruel, por mais cruel que isso possa soar. Já se passou algum tempo então você tem o direito de poder rever sua narrativa em relação à morte da mãe. Não, ela não morreu tranquila, dormindo. Nos últimos meses da doença o corpo dela debilitou muito, não tinha uma noite conseguia dormir, uma febre alta... às vezes eu ainda ouço os lamentos dela, aquele misturo de choro e raiva que ela devia estar sentindo e que embalou todas as minhas noites daqueles últimos meses antes dela morrer. Durante o dia ela dormia um pouco, preocupada com a cara de cansado do pai, porque sabia que ele ficou do lado dela a noite toda. E o pai... Sempre de bom humor, contando histórias engraçadas de quando eles se conheceram. Como que pra fazer ela ter certeza que foi amada desde o dia em que eles se encontraram no parque. Lembra? Você já ouviu essa história, lembra?

Mas a versão que eles contavam pra gente na infância não era como aconteceu, eu descobri isso uma semana antes da mãe morrer. Ela falou gargalhando pra mim em um dia que ela acordou como se a doença tivesse ido embora "eu vou le-

vantar logo desta cama antes que teu pai venha falar da maçã do amor que ele comprou pra mim no parque... eu tava interessada era no amigo dele!”. Aí ela tossiu bastante, que nem como a gente tosse quando engasga comendo maçã do amor. O pai chegou correndo no quarto assustado. Eles se olharam e ela me disse baixinho “eu precisei engasgar com um pedaço de maçã pra encontrar o amor da minha vida”. Eu acho que a mãe não tava cansada não, ela tava com raiva, assim como eu. E como você disse, sim, foi tudo previsível, por mais que o pai tivesse lutado. A gente ficou esperando o inevitável.

Noite de estreia. 03

Um brinde que se repete e se repete ao longo dos tempos, aqui neste mesmo espaço, gerações e gerações que herdaram o mesmo gesto, as mesmas palavras. A chuva que se aproxima no horizonte, o cheio da terra molhada. O cheiro do café, o cheiro do vinho. O gosto do vinho da noite anterior. Uma noite de festa, comemos pastel, dançamos, bebemos, brindamos, contamos histórias, rimos ao redor do fogo e enfim dormimos. E então a memória. E a mulher de cabelos vermelhos, com os pés sujos de terra, quer deixar registradas algumas palavras que sejam suas, antes que elas, suas palavras, desapareçam. E a luz está a pino e é muito forte, e esta mulher embaixo do faixo, seu corpo cortado por esta luz parece maior do que era, e ela fala do medo e da incerteza do que está prestes a fazer enquanto os outros atores se sentaram próximos a ela e tentam a acalmar e encorajar com palavras como “só pode ser você” e “estaremos aqui, lhe traremos comida e lhe aqueceremos”. E esta mulher cresce, suas pernas agora tem a altura do ator muito alto e ela se aproxima do teto. Ela fala com cada um dos seus amigos, para cada um, uma despedida. Ela fala enquanto ainda existem suas palavras. Enquanto ela ainda é uma mulher. E é bonito. Todos ouvimos, choramos. Suas pernas se transformam em troncos e entendemos que esta mulher está virando uma árvore. Com seus braços-galhos ela começa a arrebentar o telhado do teatro, a arrancar a estrutura, as ripas de madeira. A poeira ancestral que cobre este lugar inunda o ar, as palavras que ecoaram aqui durante tanto tempo nos ensurdecem. “Se encaminhem” sussurra a mulher molhada. Com quem ela fala? Comigo? Com os fantasmas que se alimentavam deste mofo que agora recebe mais e mais luz à medida que a mulher árvore arranca as telhas deste teatro? нам нужно изобретать новые

способы. Porque ele não virá. A espera acabou. O público também não virá. Existe a peste. O invisível que nos afasta. E para destruí-la é preciso também destruir este telhado. Deixar o sol entrar.

1981

Eu nasci aqui, em 1981. Ano em que a música mais tocada nas rádios falava de uma garota que tinha os olhos da atriz Bette Davis. Eu nasci aqui neste arquipélago. E eu sou o caçula de quatro ilhas. Mas o que importa aqui não sou eu. Não... São as ilhas. As ilhas e esse imenso abismo que existe entre elas. Esse vão, essa vala, essa ruptura toda tomada por água salgada. Essa membrana invisível que as une, mas que perdeu sua integridade. Que tenta queleioide após queleioide reconstruir uma história que não tem mais sentido. Não tem toque, não tem cheiro. Estas ilhas originadas da mesma pangeia, originadas do mesmo espasmo de olhos verdes. Que percorreram o mesmo caminho, que abriram caminho a força, empurrando estômago e costelas. Fazendo aqueles olhos verdes gritar. Que rasgaram a carne daquela terra fértil que - ilha após ilha - foi desmoronando, ganhando outros contornos. E a água que nos une e nos sufoca. O gosto salgado. E palavras que não fazem sentido, que não deveriam fazer sentido naquele lugar. Socos e chutes e pontapés. Uma ilha não pode chutar, socar, empurrar, cuspir em outra ilha. E um dia. Um dia, a mesma ilha que tentou num tempo outro ensinar a ilha menor a jogar bola, que carregava a ilha menor nas costas nos passeios de domingo. Esta ilha tem um vulcão. Do arquipélago todo essa é a ilha do vulcão. E um dia esse vulcão cuspiu fogo. E o fogo veio em verbo. E o verbo rasgou a pele de um passado.

VOCÊ É UMA VERGONHA PRA ESSE ARQUIPÉLAGO

e a pangeia na mesa de jantar escrevendo com a mão esquerda e a ilha mais nova assustada em frente ao vulcão.

EU DEVERIA TE LANÇAR EM ALTO MAR

E de repente aqueles olhos verdes se encheram de água e silêncio. E o vulcão em erupção.

SERIA MELHOR PRA TODO MUNDO SE VOCÊ NÃO EXISTISSE

E o vulcão em convulsão, os olhos arregalados, a respiração ofegante. e a pequena ilha afogada no silêncio daquele lugar que ela conhecia como lar.

CALA A BOCA E ME ESCUTA SENÃO TE ARREBENTO

e num momento o barulho das ondas era tão forte que as palavras deixaram de ser ouvidas e a pequena ilha descobriu que ela também tinha um vulcão dentro dela. um vulcão que começava a lançar o vapor quente do fogo que viria a seguir. mas aí veio uma onda. e a água salgada inundou a pequena, ilha, aquela água que antes sufocava, agora acalmava. Resfriava.

Movimento. 03

Hey, você sabe onde tem colírio?

...

Tem colírio aqui?

...

Caiu um cisco, saco!

...

Não tô achando.

...

Vou tentar lavar, peraí.

...

Não saiu, agora começou a doer. Tá vendo?

...

Assopra.

...

Ai! De novo. Bem forte. Vai.

A água

Será isso envelhecer? Completar meu ciclo de vida? A memória se evapora como partes da minha estrutura e já não lembro desde quando existo. Eu existo? Me sinto tão fraca agora, mas tão plena. Minhas moléculas se espalham por este espaço. Eu sinto! Sinto este piso de madeira e suas fibras, sinto os pés descalços que me acariciam. Sinto as linhas da mão trêmula que me leva até sua boca. Sua língua áspera. Bem diferente da língua que eu conhecia pedra. Agora aveludada, quente. Mas antes, igual a mim, pedra gelada, fibras cortantes. Essa lembrança ainda guardo, este corpo que abracei e transportei pelos séculos. Conheço cada parte desta pele e cheguei até seus ossos. Eu sou parte de você. Eu pedra. Eu elemento que muda. Eu estado gelo em um mundo gelado depois que o céu caiu e nos fez fogo; e do fogo veio o escuro e então eu gelo. Te encontrei com medo, escondido atrás de algumas rochas centenárias, encolhido qual embrião, mãos em fricção e respiração pesada. Te abracei com carinho e te coloquei pra dormir, com cuidado para não apagar seu núcleo. Este pequeno músculo que bate e leva meu irmão rubro por todo seu corpo, que agora dorme em um abraço cálido e confortável. Te servi de útero. Não neguei meu instinto e te garanti vida, elemento precioso em um mundo de bactérias. Posso te chamar de filho? Atravessamos séculos filho. Escondidos nas entranhas de uma terra em busca de equilíbrio, lutando contra forças que ainda hoje ela não entende. Te escondi dos pterodátiles e dos meteoros. Te poupei da crueldade dos seus primeiros irmãos. A peste, a fome, a guerra. Enquanto o mundo cambaleava eu te embalava num sono dourado e seguro, atenta ao seu núcleo. Sempre tive curiosidade para te conhecer em outro estado, eu líquida você vivo. E agora estamos aqui. Sinto que éramos mais fortes

pedra, mas o que se podia fazer? Quando seus irmãos nos encontraram eu entendi que não poderíamos mais seguir como antes. Eu percebi que o calor que se aproximava seria irreversível. Te acordei durante anos, cuidadosa como uma mãe zelosa. Nós dois em outro estado. E agora aqui do chão, evaporando ou entrando pelas fibras deste piso de madeira, te observo. Revirando todos os cantos deste espaço. Agredindo seu próprio ventre. Lançando pedras para o ar. Dando chutes e pontapés nas portas que nos cercam. Cultivando esta planta, alimentando esta planta comigo. Eu alimento. Eu planta. Eu abraço a terra, entro pelas raízes, subo caule acima e irrigo as folhas verde claro. E em um esforço da pequena pela vida, me quebro na fotossíntese e encho seus pulmões de ar. Me reconheço em você. Me sinto dentro de você tanto quanto dentro dos poros deste assoalho de carvalho. Me sinto dentro de você tanto quanto em uma nuvem chorosa que prepara uma tempestade do outro lado do mundo. Tanto quanto em um cano de cobre abandonado em um (...) *corte seco*

Noite de estreia. 04

E então o sol entra. Aqueles corpos dançam neste lugar em ruínas em volta daquela mulher árvore que não para de crescer. E de repente o fogo, as cortinas que ardem, as gargalhadas dos atores, sua comunhão, tudo em câmera lenta, uma coluna que desabada, uma mulher que irrompe desesperada do camarim em fuga carregando um cachorro. Uma música demasiado alta fere nossos ouvidos e quando olhamos para a cabine da técnica, onde eles estão? Seus textos com as marcas das deixas espalhados pelo chão e seus equipamentos órfãos. Uma mulher sentada na primeira fila chora copiosamente. Enterra a mão em seus cabelos negros e suas mãos escondem o grito que ela sufoca. Ela precisa usar suas duas mãos para conter aqueles lábios grandes de gritar. O telefone toca novamente. O som vem do camarim, da porta que a mulher com o cachorro deixou aberta. Este telefone tocará insistentemente. Quem chama está distante, em outra cidade, mas muito próxima. Ela sentiu. Algo dentro dela também arde e desmorona e ela quer saber. Ela quer notícias. A fumaça e a poeira dificultam nossa visão, mas ainda vemos os artistas que dançam e a árvore imponente. Um rio de águas abundantes impede que o fogo chegue ao público e a forte correnteza começa a afrouxar os parafusos de nossas poltronas. Um senhor acena pela porta por onde entramos, ele parece querer dizer alguma coisa, mas a música é muito alta e a cena do fogo e dos atores é muito bonita para prestarmos atenção. A água nos embala e vemos na copa da árvore um ser muito grande, o pterodátilo. Sim. Ele fala conosco em um grito que nunca havíamos ouvido. A luz parece mais e mais intensa a ponto de machucar nossos olhos, uma baleia nos joga para trás com força enquanto emerge e canta uma ária de uma ópera. A luz nos cega. Silêncio. Tempo.

As pupilas se regulam. Abrimos os olhos. Já não há atores sob o palco. Já não há palco. Não há paredes. O cheiro de terra molhada e uma majestosa árvore em nossa frente. Estamos em terra firme, mas ainda sentimos o enjoo do rio. Estamos sós. Eu estou só. E é preciso continuar.

A pequena árvore

A melhor hora do dia é quando, exausto, você se deita próximo a mim e conversamos. Conversamos não... eu te escuto, você infelizmente não me ouve. Eu tenho treinado um bocado e não vou desistir de aprender sua linguagem. Temos de nos comunicar. Mas sim, esta é a melhor hora do dia. Depois que você correu sem rumo em voltas por este lugar, depois que você fatigou seus músculos em investidas contra as paredes, depois que você arrancou seus cabelos e esfregou seus olhos com violência, depois que você gritou até quase ficar rouco, depois que você tocou seu sexo até o espasmo, depois que você deu murros em seu estômago e enfiou seus dedos garganta a baixo como e na procura de alguma coisa (ou alguém), depois que você atirou pedras e entulhos para cima e foi atingido por alguns na queda, depois que você gastou suas unhas arranhando este piso, depois que você se deitou na poça de água e lavou seu rosto, depois que você lambeu e sorveu esta água que nos inunda e que parecia eterna, depois que você chorou deitado no chão em posição de feto - esta mesma posição que você atravessou séculos e séculos. Então depois do choro, do soluço, você me olha. Você não percebe, mas eu estremeço. Então com suas mãos de unhas compridas e sujas você faz uma pequena concha e traz até mim esta água que molhou seu rosto, que tocou seus lábios. A terra que cobre minhas raízes úmida e feliz. Você sente o cheiro de terra molhada? Eu acho que sim porque seus lábios se abrem em um sorriso de dentes que parecem ossos descarnados, um sorriso fácil, lindo. Eu então absorvo esta água que tocou sua boca pelas minhas raízes, como em um beijo. Um beijo não, como se eu o engolissem, como se eu me alimentasse de você. Eu sinto a água subindo pelo meu corpo e irrigando minhas folhas, e qua-

se em um orgasmo eu suo, suo. E sei que meu suor entrará pelo seu nariz, que você vai sentir meu cheiro. Tudo isso não dura muito tempo em comparação com suas outras atividades, mas pra mim é tanto! Então você me toma nos braços e me levanta, em direção ao céu. E fala sobre quando eu for grande e forte, sobre quando você puder me usar de escada, usar meus galhos de armas e chegar lá! E você fala isso com urgência, em uma espécie de reza, para que eu cresça rápido, porque não há tempo, você não tem muito tempo. E neste momento meu suor vira lágrima, pois sei o que tudo isso significa. Sei que você não poderá me acompanhar quando eu for maior que este lugar, quando eu explodir este telhado que nos cobre e quando minha copa vir pela primeira vez a luz do sol, sentir em minhas folhas o frescor do vento. Quando pela primeira vez a água em minhas folhas virarem ar pelo calor do sol. Quando pássaros migrantes me buscarem de (...) *corde seco*

Movimento. 04

O vento gelado do sopro em contato direto com minha retina se transforma em informação para o nervo óptico e agora neste lugar vejo uma habitante primitiva se banhando em um rio e as folhas das arvores balançam aflitas por um cisco que não sai. A mulher se prepara para um mergulho por debaixo de uma poltrona que acomoda objetos empacotados de um lugar em mudanças. Revoadas de pássaros atravessam (ou se colidem?) na janela fechada que protege uma família do frio, com lareira acesa e jogo de tabuleiro. E então um grito "achei o colírio!". O olho se inunda e me vejo submerso em um oceano de peixes com dentes e plantas carnívoras que sorriem sedutoras enquanto uma criança com pijama de bolinhas dorme, encolhida no sofá. Fecho então com força meus olhos até que o escuro toma conta de tudo e já não sinto mais o cisco, a cachoeira de Moura Brasil removeu o passado do meu olho comunista e agora o alívio de olhos cerrados, sem dor nem imagens, fazem o tempo voltar ao seu lugar de agora. Se abrir os olhos já é uma tarefa árdua em um mundo em que a beleza e o caos são irmãs siamesas, abrir os olhos feridos pelo cisco do passado me traz talvez uma certa euforia. Nada deve ter mudado neste intervalo de, o quê, uns 2 minutos em que me debati com o cisco. Então abrir os olhos agora tem um gosto de retorno ao lar, aquele sossego típico das tardes de domingo. A escuridão vai ganhando forma e me alegro em saber que vou olhar para o alto e ver as mesmas ripas deste telhado sólido. Conheço cada uma delas, sei de seus nós, suas fibras. Certa vez decidi dar nomes a elas, mas nunca tirei este projeto do papel. Este teto que nos protege e que já protegeu tanta gente no tempo que este lugar sagrado abria suas portas para noites de estreia. Estas mesmas ripas que agora se abrem em um buraco que não estava ali há dois minutos. Não estava ali. Nunca esteve.

A mudança!

Houve uma mudança enquanto eu me debatia atrás do colírio que sempre fica na mesma gaveta, mas que alguém havia guardado em outro lugar. Eu perdi o momento da mudança enquanto cambaleava caolho e jogava ao ar palavras de indignação sobre alguém ter mudado o colírio de lugar. E agora a escuridão se desfaz nestas tábuas abertas em um buraco que me mostra, depois de tanto tempo, o céu. O azul conhecido e registrado na memória parece o mesmo da última vez que o encontrei. Um raio de sol, ah o sol, entra pelo buraco revelando partículas de poeira – por instinto cerro os olhos, mais um cisco neste momento de mudanças não, eu não aguentaria. Dois minutos na história de um lugar ancestral abriram um buraco no teto, uma fenda por onde o sol agora entra num faixa de luz que lembra a luz que iluminava histórias contadas neste lugar em tempos outros. Sinto a adrenalina no sangue, aquela que não sentia desde a última entrada em cena, e em um ímpeto quero compartilhar a novidade com estas pessoas que dividem este lugar comigo. Ele, ela que dançava, ele e ela. Ela. Por um momento duvido dos dois minutos da luta com o cisco. Ela. A mulher-guerreira agora uma mulher-árvore-guerreira. Em seus pés terra que escondem raízes profundas sobre este palco. Suas pernas brancas rasgaram a calça vermelha que ela sempre usava e agora seus joelhos estão à altura dos meus olhos. Ela emite pequenos grunhidos de dor e prazer e seus ossos estalam e crescem, em uma dança de gestos duros e precisos. Seus olhos verdes choram lágrimas de alegria e surpresa. Eu sabia que seria você. Nós sabíamos. Eu, ele, ele e ela que dançava prendemos a respiração e nos olhamos cúmplices. É chegada a hora. Nós sabíamos que chegaria. Mas e agora? O que devemos fazer com tudo isso? O que tudo isso vai fazer com a

gente. Ripas começam a cair ao chão, mais poeira e um barulho seco vindo lá de cima. É chegada a hora. Está acontecendo, aqui agora. O sol começa a tomar mais espaço e cobrir o piso deste palco. Já não vejo joelhos e sim uma casca grossa de um tronco de árvore ancestral. Aqui. Agora. Lá vamos nós.

A chave

Eu nasci gêmea em um mundo em guerra. Nunca entendi direito nem a guerra nem muito menos porque minha espécie era de seres gêmeos. Sim, todos temos nossos duplos. Até hoje é assim. Interessante, não? Mas o que eu realmente nunca entendi - até mais do que a guerra e a nossa comunidade de duplos - é o fato de sermos sempre, sempre separadas de nossas irmãs. Nascemos gêmeas, vivemos sós. Servimos a uma mesma finalidade, mas em condições diferentes, entende? "Umas de nós abrem portas, outras se enchem de poeiras, esquecidas, no fundo de uma gaveta". Eu era a irmã da gaveta, e esta condição carrega toda a aleatoriedade da experiência humana. Não há uma lógica para isso, apenas acontece. Um dia você acorda para o mundo, no outro te trancam dentro numa gaveta. Dias depois barulhos de bomba, gritos, tiros e alguém desesperado à sua procura, porque sua irmã desapareceu no caos da humanidade. E lá vai você, no bolso de alguém vestido como uma floresta, entrando por uma porta de aço e um corredor bem iluminado com paredes de tijolos a vista, subindo uma escada metálica até chegar à uma porta de aço linda e imponente e reconhecer o buraco para o qual você foi moldada. A tranquilidade no encaixe, o giro perfeito, a sensação de pertencimento, sim, este é e sempre foi o meu lugar, porque diabos eu estava apodrecendo naquela gaveta?! É como se uma sinfonia tocasse ao longe e o tempo parasse, rarefeito. O click dos pinos que se recolhem à minha ordem e enfim, a porta se abre. Uma coreografia com tecnologia alemã. Então um grito, não um grunhido - já ouvi isso outras vezes eu sei distinguir. Dois seres que duelam, o homem vestido de selva e um outro, o do grunhido. É homem ou mulher? Seus cabelos longos escondem seu rosto e o corpo, cuja nudez é coberta por pelos seculares,

tem uma contração que apaga qualquer traço de sexualidade. É um ser, pequeno e forte, valente e briguento e que está dando uma surra no tal vestido como selva. Eu cambaleio de lá para cá, sentindo a mão suada naquele punho fechado que golpeia o ar na tentativa de derrubar aquele ser - ou aquela ser - que grunhi cada vez mais alto e forte. Até que sou arremessada contra uma parede e ouço o barulho seco da porta de aço se fechando. Silêncio. Enquanto recobro minha consciência quase afogada numa água gelada que cobre o chão, sinto dedos ásperos me tocarem sem jeito, sinto os pelos de seu nariz que me farejam em busca de respostas e vejo o brilho dos seus olhos que não entendem nada. Nada. Você nunca havia me visto. Você não sabe de onde eu venho. Seus olhos são ingênuos. Você não tem ideia de que eu posso te tirar deste lugar agora, com um simples giro no eixo. Você não sabe o que eu já vi lá fora nem o que está acontecendo neste momento. Que bonito isso. Sinto sua língua pegajosa procurando alguma coisa que reconheça em meu gosto e mais uma vez a aleatoriedade de sua espécie, atravesso sua garganta e caio no escuro profundo do seu (...) *corte seco*

1992. 3

Uma garota meio índia, meio bugre. Cabocla, cafusa? Cabelo bem liso. Pele escura. Nariz redondinho. Uma garota tagarela, boa de papo. Fala alto e demais. Uma garota estatística que – acho até que sem consciência daquilo – desafiava os números. Uma garota sozinha. A mesma idade que nós, que nascemos ali. Nós que nos conhecemos desde pequenos, que jogamos bola ou brincados de cabra-cega desde sempre. A mesma idade que nós, que acompanhamos nossos primeiros passos, que fazíamos um ritual à luz da lua cada vez que cantávamos à fada dos dentes. Nós que comemorávamos nossos aniversários com cachorro quente, bala de coco e guaraná ltu-baína. Que nos conhecíamos tanto. E então essa garota. Garota avulsa, sempre com um sorriso no rosto – ignorando tudo o que o mundo estava tramando contra ela. Garota solo, que falava alto e sempre tinha assunto. Garota cujos traços, cuja história, isso entenderíamos anos depois, era o retrato de um país sem memória. Chegou de repente, sem aviso. Quando percebemos ela estava ali, no meio, disputando a bola na queimada ou se escondendo na mesma moita no *pick* esconde.

Mas porque ela mora com vocês agora? A mãe dela... é só durante a semana.

Ela é parente?

Não! A mãe dela... a minha mãe... é pra ela poder ir pra aula. Ela é sua namorada? Dorme na sua cama?

Cala a boca, já disse que é só durante a semana. A mãe dela...

Ela chegou em um tempo em que nossa comunidade de pequenos homens e mulheres entre 5 e 12 anos tateava sua identidade. E ela foi uma fissura. A garota meio índia sem pai nem mãe (mas só durante a semana) que se instalou entre a

gente. Como eu pude esquecer? Será que essa amnésia atingiu mais alguém dali? Por onde você andará agora?

Concreto

E esse passado?

Essa coisa morta-viva que faz parte de mim.

Que carrega cicatrizes que os olhos não veem, que não estão na pele. Aquelas marcas que fazem você acordar a noite assustado.

Que te deixam sem ar no meio do dia. Te fazem atravessar a rua com medo. Trocar de roupa antes de sair casa.

Que nos fazem abaixar a cabeça. Abaixar a voz.

Cicatrizes invisíveis que nos distanciam daqueles que têm o mesmo sangue. Que não se curam com remédios, pomadas.

Eu também sou essa coisa disforme e pouco confiável que é o passado. Eu também sou essa coisa concreta, quase palpável e pontiaguda que é o passado.

A sensação

Eu guardo a sensação. O frio na barriga, o medo. Não precisava ter medo, eu estava em casa, em segurança, junto com ele. Mas havia o medo. A ideia toda era dele, eu era apenas o pombo correio, aquele que carregava o convite. Mas pra mim isso era tanto. Isso era tudo. Eu, o último dos filhos. Aquele que preferia ajudar nas tarefas domésticas do que no trabalho pesado na oficina de reforma de móveis estofados. O que brincava com as meninas da rua, pulava corda e elástico ao invés de futebol. O filho mais novo, o mais pesado, o mais lento, o mais comilão, com topete e gel no cabelo, que combinava as cores das poucas roupas que tinha. O filho que era a piada dos amigos do filho mais velho, que brincava escondido de modelo e manequim com as roupas da mãe e que quando foi tio aos seis anos de idade fingia que a filha era sua. O caçula que machucava os dedos pra tirar as tachinhas das cadeiras que o pai reformava e roubava novelos de fios de costura para fazer de cabelos para os seus lápis-boneca. Então, aquele era meu momento. Ninguém tirava. Eu tinha uma missão, responsabilidades. Eu carregava a mensagem dele. Eu era respeitado ali. Eu era aguardado. Duas vezes na semana, às vezes três quando era período de bons trabalhos na oficina. Eu, o filho do homem do videocassete. Na época em que ter um videocassete era luxo. Num bairro em que ter videocassete te dava *status*. O único videocassete da rua. Isso não era pouco. Então imagina. Do dia pra noite eu passei a ser respeitado. Não importava a roupa que eu usava, o topete desafiando a gravidade, a voz fina que rachava no final da frase. Não! Eu era aguardado. Na calada da noite.

Bença mãe, bença pai. Uma piscadela discreta de canto de olho e a confirmação do nosso segredo, sim, é hoje! Tchau boa noite. Credo, esse piá nunca dorme antes das dez. Melhor

ir dormir mesmo, amanhã acordo com as galinhas. Todo mundo pra cama, a louça do jantar fica para amanhã. Boa noite, boa noite. Silêncio. A casa embriagada por um sono imposto. Uma descarga gargareja no final do corredor, uma porta que bate, colchões de mola e palha ensaiam uma sinfonia e lentamente suspendem as notas. O ruído da rua começa a tomar conta da casa. Isso é um sinal. Eu ouço atento. Quando o grilo no quintal começa a ser protagonista da noite, quando o cachorro do vizinho lá da outra quadra ganha voz, isso é um sinal. Está chegando o momento. O sono implacável, fruto dos três pratos de macarrão com vina do jantar, tenta atrapalhar os planos, mas a adrenalina já abriu espaço. O grilo chegando ao fim do seu monólogo. O cachorro que dorme. E de repente as batidas na parede de madeira que divide os quartos. Três batidas. Finalmente o sinal. Eu levanto. Me visto. E saio.



Miolo impresso em papel avana 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

Os textos aqui reunidos são módulos para composição teatral, monólogos curtos, onde não há ordem imposta. Pelo contrário, são como pedaços de um corpo quebrado. Houve um dia o corpo íntegro, em perfeito estado. E então, não sabemos ainda como nem porque, houve a explosão, a ruptura. Eu entro em cena, eu falo. Colho os pedaços do corpo que é o meu, naquele momento. Você pode entrar em cena, falar, dançar, gritar e como em um jogo, criar seu próprio corpo.

O AUTOR

Pablito Kucarz é ator, produtor cultural, designer gráfico, cenógrafo e editor. Como ator é elenco de mais de 15 espetáculos de teatro, participando de diversos festivais, nacionais e internacionais, entre eles duas edições do Palco Giratório e os Festivais de Cali e de Lima.

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-111-5



9 786554 221115 >